

PIDGIN, LÍNGUA FRANCA, SABIR - UM ESTUDO TERMINOLÓGICO

Barbara Hlibowicka-Węglarz

Instytut Filologii Romańskiej, Wydział Humanistyczny, Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej, Plac Marii Curie-Skłodowskiej 4 A, 20 031 Lublin, Polónia

bajaw@hot.pl

PIDGIN, LINGUA FRANCA, SABIR - TERMINOLOGICAL STUDY

Abstract: The terms *pidgin*, *lingua franca* and *sabir* appear very often in the sociolinguistic literature; however, they are not properly defined. Therefore, the aim of this paper is to define the complexity of the reality which accompanies the formation and functioning of the above-mentioned linguistic phenomena. Moreover, characteristic features of each of these forms are presented in this study to emphasise the similarities and differences between them.

Keywords: pidgin; lingua franca; vehicular languages; Creole languages; sociolinguistic.

Resumo: Os termos *pidgin*, *língua franca*, *sabir* aparecem na literatura sociolinguística com relativa frequência sem serem definidas com pormenores as diferenças principais entre eles. Por isso, o presente estudo tem como objetivo tentar definir a realidade muito complexa que acompanha a formação e o funcionamento destas formas linguísticas, demonstrar os traços característicos de cada uma das formas para poder tentar caracterizá-las definitivamente, apresentando em que divergem e em que convergem.

Palavras-chave: pidgin; língua franca; línguas veiculares; crioulos; sociolinguística.

1. Introdução

Os termos *pidgin*, *língua franca*, *sabir* aparecem na literatura sociolinguística com relativa frequência sem serem definidas pormenorizadamente as diferenças principais entre eles. Estes termos englobam uma realidade difícil de ser delimitada, definida na maior parte das vezes como formas de linguagem que nasceram em situações de contacto entre falantes de línguas maternas diferentes. Definições semelhantes citadas em vários dicionários, muitas vezes imprecisas e vagas, não permitem distinguir os termos entre si, aumentando apenas a confusão e as incertezas.

Sendo assim, o objetivo do presente estudo é de tentar definir esta realidade complexa que acompanha a formação e o funcionamento das referidas formas linguísticas, demonstrar

os traços característicos de cada uma das formas para poder tentar caracterizá-las definitivamente, apresentando em que divergem e em que convergem.

Como a maioria dos linguistas (pidginistas e crioulistas) considera a língua franca, assim como o sabir, como sendo um pidgin, vejamos, para começar, quais são as características tradicionalmente atribuídas aos pidgins.

2. Pidgin

Os pidgins apareceram em contextos de urgência comunicativa, quando os representantes de dois grupos de falantes tiveram necessidade de comunicação imediata. Pereira (2006: 118), uma conhecida linguista portuguesa, diz que um pidgin é uma forma de linguagem “inventada” para efeitos de comunicação muito reduzida em contextos multilíngues em que uma das línguas é socialmente dominante. Assim, os pidgins distinguem-se das outras línguas pela sua rapidez de formação, em condições sociais e históricas fora de comum: “quando os falantes de diferentes línguas maternas procuram comunicar entre si, usando uma língua que, sendo mais funcional, nem lhes é de fácil acesso” (Pereira 2006: 15). Vale a pena acrescentar que o pidgin é muitas vezes suportado por outras formas de linguagem, como por exemplo a gestual, e que a sua interpretação depende do recurso ao contexto situacional.

Os pidgins são línguas veiculares simples, de uso bem restrito, são línguas acessórias, subsidiárias que não substituem a língua de origem dos que as falam, mas são usadas em diferentes contextos e situações de intercâmbio. É uma forma de linguagem que facilita a comunicação imediata entre populações heterogêneas. Assim pode-se dizer que os pidgins correspondem às necessidades, muitas vezes bem limitadas, e são usados, por exemplo, nas trocas comerciais ou nas relações de trabalho (em plantações, em fortes, etc). É importante sublinhar que os pidgins nunca funcionam como línguas maternas.

O pidgin corresponde aos primeiros estádios da aprendizagem espontânea da língua do grupo socialmente dominante pelos falantes das outras línguas. Mas, como se sabe, esta aprendizagem ocorre em condições sociais mais ou menos adversas. Conforme as circunstâncias sociais e linguísticas, o pidgin inicial pode evoluir de maneiras diferentes.

Os pidgins caracterizam-se por um léxico e uma morfologia muito reduzidos da língua dominante. Quanto ao léxico, o pidgin pode funcionar com apenas algumas centenas de unidades, ou pouco mais de mil palavras. Quanto à simplicidade estrutural, os linguistas citam os seguintes traços morfossintáticos como sendo mais típicos dos pidgins: a não ocorrência dos artigos, a ausência da marca de plural no SN e a ausência de morfemas de tempo, modo e aspeto associados ao verbo. Assim, o pidgin não pode assumir as funções de uma língua natural, pois faltam-lhe meios para verbalizar várias informações.

Na análise dos pidgins, os linguistas propõem tomar em consideração dois tipos de critérios: os critérios sócio-históricos, assim como os critérios estruturais, linguísticos.¹ Além das condições sócio-históricas particulares de formação dos pidgins (formam-se em comunidades multilíngues), existem outros traços característicos entre vários pidgins do mundo. Couto (2002: 143), analisando os diferentes traços característicos dos pidgins, faz a lista das principais propriedades dos pidgins que a maioria dos autores² defende. Eis os traços seguintes:

¹ A. Bollée (1977) fala de: *soziolinguistische Kriterien* e *sprachliche Kriterien*.

² Os autores analisados e citados por Couto (2002: 143) são os seguintes: Jespersen (1922), Bloomfield (1933),

- são meios de comunicação que resultam do contacto de línguas,
- não têm falantes nativos,
- são usados para necessidades comunicativas mínimas,
- não são inteligíveis com a língua doadora,
- são simplificados, ou reduzidos morfosintática e lexicalmente, em relação às línguas doadoras,
- recebem a maior parte de seu vocabulário da língua dominante,
- podem evoluir de um jargão ou pidgin instável para uma forma estabilizada e até mesmo expandir-se; outra alternativa seria criouliizar-se a partir de qualquer uma dessas fases; o pidgin seria um pré-crioulo potencial,³
- geralmente não têm uma comunidade própria;
- têm a mesma pertinência genética que a língua dominante.

Embora a lista apresentada seja deficiente porque existem outras propriedades características mencionadas por outros estudiosos, com toda a certeza permite evidenciar as principais características tradicionalmente atribuídas aos pidgins. Couto (2002: 148) acrescenta também que os pidgins não precisam de caracterizar-se por todas as propriedades acima enumeradas.

3. Língua franca

Baseando-nos nas definições contidas em diversos dicionários de língua, seria difícil distinguir a realidade representada⁴ pelo conceito de língua franca do conceito de pidgin. Segundo a opinião de Collier (1976 citado por Couto 2002: 11): “Aquilo que se tem chamado de língua franca não é nada claro. Tudo está envolto nas brumas do passado e é muito difícil encontrar-se um documento novo que possa dissipá-las”. A variedade das formulações que se encontram em diversas definições, assim como várias confusões terminológicas (terminologia muitas vezes caótica, muito abundante e nem sempre adequada) levam os leitores a um certo impasse. Como sair deste impasse? Para resolver as incertezas que rodeiam a expressão língua franca é preciso analisar com muita atenção a literatura especializada em sociolinguística, isto é, os trabalhos de linguistas crioulistas e pidginistas, assim como distinguir, já no início da análise, o significado da expressão língua franca como substantivo comum do outro significado que tem esta expressão como nome próprio.

Assim, o primeiro significado, muito mais conhecido, define a língua franca como meio de comunicação entre falantes de línguas mutuamente ininteligíveis. Esta definição pode ser considerada como uma das mais comuns e aceitáveis.⁵ Como se vê,

Hall Jr. (1966), Perego (1968), Hymes (1971), Whinnom (1971), Samarin (1971), Meisel (1975), Muhlhauser (1986), Bickerton (1990), Schuman (1978), Thomason & Kaufman (1988), Thomason (1997), Bakker (1995).

³ Alguns autores defendem a tese de que os pidgins são instáveis (jargão) nos momentos iniciais de contacto, mas que podem estabilizar-se e até mesmo expandir-se antes de se criouliizarem, isto é, adquirir falantes nativos (Couto 2002: 141).

⁴ Couto (2002), ao longo da sua obra, afirma que tanto o conceito de pidgin como o conceito de língua franca se referem a realidades bem complexas e difusas.

⁵ Como já foi mencionado, as definições do conceito levam às vezes outras informações adicionais que não ajudam a compreender melhor o significado desta expressão mas aumentam as incertezas e a confusão. Como tal podemos citar uma definição contida no *Novo Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio* (1986: 1035) que define língua franca como: “língua híbrida, ou variante dialetal única, usada como meio de comunicação entre povos de línguas diferentes, língua geral”. Veja-se que na definição citada aparecem três termos adicionais, tais como: língua híbrida, variante dialetal e língua geral, que não são sinonímicas e se referem a fenómenos linguísticos diferentes.

tanto a língua franca como o pidgin, são definidos como meios de comunicação entre línguas de povos diferentes. Nesta aceção os dois termos parecem semelhantes mas com certeza não são sinonímicos. Veja-se que enquanto em todas as definições de pidgin se sublinha a importância das condições sociais específicas da sua formação (contextos multilingues em que uma das línguas é socialmente dominante), nas definições da língua franca não se diz nada sobre esta questão. O que é importante é apenas a função da língua franca de servir como meio de comunicação entre povos de línguas diferentes. Samarin (1968) acrescenta que qualquer língua (línguas naturais, línguas pidginizadas, línguas artificiais) pode funcionar como língua franca. Entre as línguas francas naturais o autor cita o grego na região do mar Mediterrâneo entre 300 a.C. a 500 d.C., o latim até ao século XVI, o francês na Europa ocidental no século XVIII, o inglês atualmente, e muitas línguas mais. Entre as línguas francas artificiais enumera o esperanto. O autor citado diz que as línguas francas pidginizadas são também relativamente numerosas e entre outras menciona o tok pisin na Papua-Nova Guiné, fanakalo na África do Sul, ou o jargão chinook nos EUA e no Canadá. Os exemplos citados parecem confirmar que na definição da expressão língua franca o que é mais importante é a sua função.

O segundo significado do termo língua franca, como nome próprio, refere-se ao modo como se dava a comunicação, pelo menos a partir do século XVI, entre os povos do norte da África e os europeus. Nesta aceção, os estudiosos, entre os quais Cifoletti (1989: 3) ou Whinnom (1977: 3), consideram língua franca como um dos pidgins mais antigos sobre a qual temos informação. Embora os linguistas disponham de pouca documentação adequada sobre esta forma linguística, ninguém nega a sua existência. Se ela não tivesse existido, não tinha sido possível o contacto entre os europeus e outros povos do norte da África em toda a região da bacia do Mediterrâneo. Os especialistas estão também de acordo que foi a *língua franca mediterrânea* que assumiu o papel mais importante na história, sendo uma das formas mais expandidas e mais conhecidas. Couto (2002: 14) define língua franca da maneira seguinte:

Trata-se do modo como se dava a comunicação, pelo menos a partir do século XVI, nos portos do Mediterrâneo, entre árabes, turcos, berberes e outros povos do norte da África (região do maghreb e barbária, ou Berbéria) de um lado, e europeus, sobretudo italianos, espanhóis, franceses, gregos e outros, de outro lado.

O autor mencionado diz que a língua franca foi ouvida sobretudo em Argel, Túnis, Trípoli, Oran mas também no Egito e em Marrocos, além das ilhas de Jerba, Creta, Chipre e Sicília, entre outras. No entanto, considera-se Argel como o seu centro mais importante. Nesta cidade no final do século XVI a situação linguística era muito complexa: “havia turcos, mouros (árabes), renegados cristãos, escravos cristãos, judeus, além de pessoas livres de praticamente todas as nações da Europa bem como do norte da África” (Couto 2002: 16). Todos estes povos para poderem contactar entre si, usavam a língua mista, pidginizada, forma que os orientais chamavam de língua franca⁶ (língua europeia) ou “modo de hablar christiano”. Como quase todos os contactos eram com o italiano, considera-se o italiano como base da língua franca, sobretudo na parte oriental e central do Mediterrâneo (Whinnom 1977: 11-13). Schuchart (1909: 450) nota que no oeste predominava uma língua franca de marca espanhola.

⁶ Os francos – os europeus do sul, sobretudo latinos (Couto 2002: 24).

Em todas as cidades em que foi usada, a língua franca funcionou sempre como um instrumento auxiliar, meio precário de comunicação entre falantes de línguas mutuamente ininteligíveis.⁷ O autor sublinha que as línguas principais da região eram o árabe local, o turco, o berbere, assim como todas as línguas estrangeiras acima mencionadas. A língua franca, sendo uma língua mista, gozava de muito pouco prestígio.

Sobre a origem da língua franca os estudiosos apresentam hipóteses bem diversas. Não é possível elencar todas elas. No entanto, a maior parte dos estudiosos confirmam a sua formação no século XVI. Hancock (1977: 283-287) considera a língua franca como continuação do latim comercial simplificado, com origem anterior, até mil anos antes das cruzadas. Os outros aceitam a tese de que a língua franca teria a sua origem nas cruzadas. Infelizmente os factos acima citados não podem ser comprovados com os documentos disponíveis. O que é certo é que a formação desta forma linguística foi precedida de um período muito duradouro de relações comerciais e culturais nos portos do mar Mediterrâneo.

Guido Cifoletti (1989) propõe dividir a história da língua franca em três períodos bem distintos: período das origens (sec. XIII-XVI), período dos piratas barbarescos (sec. XVII e XVIII) e período do sabir (a partir do ano 1830).

As nossas observações sobre as origens da língua franca permitiram-nos chegar ao conceito de sabir, conceito que nos interessa no presente estudo. Como o objetivo do presente trabalho não é de apresentar a história da língua franca com todos os pormenores, vamos concentrar-nos no período do sabir, terceira fase da periodização apresentada em Cifoletti (1989).

4. Sabir

Embora alguns linguistas franceses, como p.ex. Chaudenson (1995), usem a palavra *sabir* em vez de *pidgin*, a maior parte dos estudiosos da área usam a denominação *sabir* como sinónimo de língua franca mediterrânea, pelo menos após 1830, ano da invasão francesa em Argel. Assim, vale a pena distinguir também os dois significados do conceito sabir e constatar que o sabir no sentido do substantivo comum é apenas o nome que os franceses atribuíram à língua franca, uma vez que o sabir no sentido do nome próprio é a continuação da língua franca mediterrânea. Cifoletti (1989: 23) define este período da maneira seguinte: “o período do sabir, ou da colonização francesa da Argélia, [...] no qual pode-se ver o progressivo afrancesamento dessa língua que, não obstante, permaneceu um pidgin”.

O ano 1830 significa neste contexto a consolidação da hegemonia francesa no norte do continente africano. Todas estas mudanças sócio-históricas na região determinaram também o declínio da língua franca que passou para o domínio dos franceses. Whinnom (1977: 18) enumera as causas do declínio da língua franca naquela época. De acordo com o autor citado as causas da extinção da língua franca são as seguintes: declínio do comércio no Mediterrâneo, o colapso do império otomano, a anexação do norte da África pelas potências europeias, o desaparecimento das comunidades mistas mais importantes, o prestígio superior do francês, do inglês e do italiano. Neste contexto, as condições históricas e sociais mencionadas impediram a continuação da língua franca na região.

⁷ Cf. Couto (2002: 19-21).

O processo de afrancesamento intensificava-se cada vez mais, funcionando o francês como língua oficial até à proclamação da independência da Argélia em 1982. A língua franca passou a ser chamada de *sabir*, ou *pequeno mourisco*. Após a independência, o árabe é decretado língua nacional do país e passa a ser a língua dos meios de comunicação e de todas as comunicações oficiais. Nesta perspectiva, a língua francesa volta a ser considerada como língua estrangeira.

No que se refere às possíveis sobrevivências do *sabir*, Couto (2002: 113-114) menciona o *sabir judeu*, chamado por Schuchardt (1909) *Judenfranzosich*, ou por Perego (1968) *pseudo-sabir*. Como é sabido, os judeus, devido à sua atividade comercial, foram os principais veiculadores da língua franca na região. Como eles se comunicavam com um árabe modificado fonética e lexicalmente, para os franceses a sua língua seria uma nova variedade de *sabir* que teria florescido de 1848 a 1860. Corré (1997: 2) utiliza o nome *judeu-árabe* para designar essa língua. Um outro autor, Cohen (1991: 277) diz que naquela altura se falava em Argel “o péssimo árabe ou o péssimo francês do *sabir*”. *Cagayous*, chamada também *pataouète*, é uma outra manifestação linguística que surgiu no mesmo ambiente. Couto (2002: 118) afirma que era uma língua mista dos franceses a partir da segunda geração e dos europeus que falavam como eles. No entanto, todos os autores mencionados sublinham que as línguas acima citadas não podem ser consideradas como *sabir*, apenas constituem formas de sobrevivências do *sabir*, resquícios de *sabir* na África do norte, ou até formas confundidas com o *sabir*.

É interessante notar que a palavra *sabir* apareceu pela primeira vez na obra de Molière *Le bourgeois gentilhomme*. Como diz Couto (2002: 86) “a partir daí, ela passa a ser corrente, sobretudo na literatura francesa”.

5. Conclusões

Todas as nossas observações evidenciaram que as três manifestações linguísticas que nos interessam no presente estudo devem ser analisadas em duas aceções diferentes, como substantivos comuns e como nomes próprios. No primeiro sentido, embora sejam às vezes confundidas, referem-se a realidades diferentes. Todas elas são línguas mistas, surgiram num ambiente parecido, isto é, em situações de comunicação entre falantes de línguas mutuamente ininteligíveis.

Tanto o pidgin, a língua franca como o *sabir* são línguas veiculares, de uso restrito. São idiomas acessórios que não substituem a língua de origem daqueles que os falam. Os pidgins formam-se em condições sócio-históricas particulares, em comunidades relativamente estáveis, de falantes de diferentes línguas maternas. Pelo contrário, qualquer língua (línguas naturais, línguas pidginizadas, línguas artificiais) pode funcionar como língua franca, independentemente do seu processo de formação. A língua franca é a língua veicular que serve como meio de comunicação entre povos de línguas diferentes mas que não resulta necessariamente da combinação de duas ou mais línguas diferentes (p.ex.: o latim como língua franca natural ou o esperanto como língua franca artificial). Apenas as línguas francas pidginizadas podem ser consideradas como formas de pidgins. A maior parte dos estudiosos usam a denominação de *sabir* como sinónimo de língua franca, particularmente da língua franca que passou pelo processo de afrancesamento.

A *língua franca mediterrânea* é considerada o pidgin mais antigo. Esta variedade assumiu um papel muito importante na história, funcionando como um meio de comunicação entre povos de origem diversa nos portos do mar Mediterrâneo. Por sua vez,

o sabir é a continuação da língua franca que apareceu no século XIX e foi submetido a uma forte influência francesa, é a língua franca “afrancesada”.

Os termos citados pertencem a uma realidade de assim chamada pré-língua⁸ porque só a partir do momento em que estas formas linguísticas se tornassem línguas maternas de toda uma comunidade, ganhariam estatuto de língua natural.

Bibliografia

- BOLLÉE, Annegret (1977), “Pidgin und kreolische Sprachen”, *Studium Linguistik* 3, 48-76.
- CHAUDENSON, Robert (1995), *Les créoles*, Paris: Presses Universitaires de France (Coll. “Que sais-je” nr 2970).
- CIFOLETTI, Guido (1978), “Lingua franca e sabir: considerazioni storiche e terminologiche”, *Incontri linguistici* 4(2), 205-212.
- CIFOLETTI, Guido (1989), *La lingua franca mediterranea*, Pádua: UNIPRESS.
- COLLIER, Barbara (1976), “On the origins of Lingua Franca”, *Journal of creole studies* 1(2), 281-298.
- CORRÉ, Allan (1997), *A glossary of Lingua Franca*.
<http://www.uwm.edu/~corre/franca/> [consultado a 10 de agosto de 2015].
- COUTO, Hildo Honório do (1996), *Introdução ao estudo das língua crioulas e pidgins*, Brasília: Universidade de Brasília.
- COUTO, Hildo Honório do (2002), *A Língua Franca Mediterrânea: histórico, textos e interpretação*, Brasília: Editora Plano.
- HALL, Jr. Robert (1966), *Pidgin and Creole languages*, Ithaca: Cornell University Press.
- HANCOCK, Ian (1977), “Recovering pidgin genesis: approaches and problems”, in: VALDMAN, Albert (org.), *Pidgins and creole linguistics*, Bloomington: Indiana University Press: 277-294.
- HLIBOWICKA-WĘGLARZ, Barbara (2013), *Portugalskie języki kreolskie w Afryce*, Lublin: Wydawnictwo UMCS.
- HOLM, John (1998), *Pidgins and Creoles*, vol.2, Cambridge: Cambridge University Press.
- MÜHLHAÜSLER, Peter (1986), *Pidgin and Creole Linguistic*, Oxford: Basil Blackwell.
- PEREGO, Pierre (1968), “Les sabirs”, in: *Le language – Encyclopédie de la Pléiade*. Paris: Gallimard, 597-607.
- PEREIRA, Dulce (2006), *Crioulos de base portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- SAMARIN, Wiliam (1968), “Lingua Francas of the world”, in: FISHMAN, Joshua (org.), *Readings in the sociology of language*, Haia: Mouton, 660-672.
- SCHUCHARDT, Hugo (1909), “Die Lingua Franca”, *Zeitschrift für romanische Philologie* 33, 441-461.
- VALDMAN, Albert (org.) (1977), *Pidgins and creole linguistics*, Bloomington: Indiana University Press.
- WHINNOM, Keith (1977), “The context and origin of Lingua Franca”, in: MEISEL, Jurgen (org.), *Langues in contact – pidgins – creoles*, Tübingen: Günter Narr, 3-18.

⁸ Couto (2002: 12).